

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

LETÍCIA LOPES DE SOUSA DOS SANTOS DIAS

**A VANGUARDA CUBISTA NA LÍRICA DE APOLLINAIRE**

GOIÂNIA

2015

LETÍCIA LOPES DE SOUSA DOS SANTOS DIAS

## **A VANGUARDA CUBISTA NA LÍRICA DE APOLLINAIRE**

Trabalho de Conclusão do Ensino Médio do  
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à  
Educação da Universidade Federal de Goiás,  
como requisito para a conclusão do Ensino  
Médio.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Silvana Matias Freire

GOIÂNIA

2015

Dedico aos meus pais, aos quais devo a existência e todo o resto, e a minha orientadora e primeira professora de francês.

## **AGRADECIMENTOS**

Sou grata primeiramente ao CEPAE e todos os professores que, durante 12 anos, me ensinaram tanto e me tornaram quem sou hoje;

Agradeço também a minha orientadora, por ter dispensado seu tempo e esforço para que esse trabalho fosse possível;

Sou grata ainda às amigas que cultivei, especialmente durante o Ensino Médio, que sempre estiveram presentes nas apresentações dessa pesquisa e ofereceram todo o apoio que precisei;

E a minha família, que sempre achou extraordinário que eu estudasse francês.

## RESUMO

Os séculos XIX e XX foram cenários de acontecimentos históricos marcantes, exemplos disso são a 1ª Revolução Industrial e as duas Grandes Guerras. Na Europa, foi uma época de renovação do meio artístico, surgindo diversos movimentos de vanguarda que se distanciavam do Realismo, escola literária que vigorava até esse período. Ao introduzirmos Guillaume Apollinaire (1880-1918) nesse contexto, entendemos o quanto o terreno era fértil para o cultivo e florescimento de suas inovações literárias. Apollinaire percorreu vários gêneros: poesia, prosa, prosa poética, teatro, ensaio, crítica. Destacou-se, porém, como poeta ao publicar a coletânea *Alcools* (Álcoois) (1920 [2004]). Seus poemas caracterizam-se por subverter os padrões de escrita de até então: a abolição da pontuação gráfica em todos os poemas de *Alcools*, a inovação dos *Caligrammes* (Caligramas), a desconstrução da noção de verso nos ideogramas líricos. Além disso, Apollinaire criou a noção de *Surréalisme* (Surrealismo) para denominar o movimento de superação do Realismo. Escolhi trabalhar com o longo poema *Zone* (Zona), que introduz a coletânea com seus 156 versos, apesar de ter sido o último a ser escrito dentre os que compõem *Alcools*. Tal escolha se sustenta no fato de ter sido esse poema supostamente inspirado na pintura *Les demoiselles d'Avignon* (As damas de Avignon) de Pablo Picasso. Dessa forma, assim como o quadro de Picasso inaugura o cubismo nas artes plásticas, *Zone* inauguraria o cubismo na literatura. Nesta pesquisa, tenho como objetivo analisar os aspectos cubistas de *Zone*, tendo como referencial teórico a obra de Chklovski “A arte como procedimento” (1973) e o livro de Karina Chianca “Guillaume Apollinaire: Un renouvellement artistique” (2013). Farei ainda uma aproximação entre a vida e a obra do autor, principalmente relacionado ao seu caráter vanguardista.

**Palavras-chave:** Apollinaire. *Alcools*. *Zone*. Cubismo.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>7</b>
<b>CONTEXTUALIZAÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>APOLLINAIRE: VIDA E OBRA.....</b>	<b>8</b>
<b>ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE <i>ZONE</i> E <i>LES DEMOISELLES D'AVIGNON</i>.....</b>	<b>13</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>18</b>
<b>REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>18</b>
<b>ANEXO A.....</b>	<b>20</b>
<b>Notas.....</b>	<b>27</b>

## INTRODUÇÃO

Apollinaire era um nome estranho para mim até ter a oportunidade de realizar um trabalho acerca desse poeta. Ao começar as pesquisas, impressionei-me ao descobrir que foi ele um dos mais importantes ativistas culturais das vanguardas do início do século XX. Guillaume Apollinaire conquistou minha admiração com seu trabalho e despertou o interesse de me deslocar da condição de leiga para adentrar em seu universo lírico.

Iniciado o processo de investigação, deparei-me frequentemente com referências ao poema *Zone* como marco na poesia apollinairiana. A importância do poema consiste ainda no fato de ter sido ele o escolhido por Apollinaire para introduzir sua mais famosa coletânea, *Alcools*, estabelecendo assim o primeiro contato do leitor com essa obra. Contato que pode determinar o interesse do leitor pelo trabalho do poeta.

Ademais, interessou-me a suposição de que teria sido esse poema inspirado no quadro *Les demoiselles d'Avignon* de Pablo Picasso, portanto, assim como o quadro inaugurou o cubismo nas artes plásticas, *Zone* inauguraria o cubismo na literatura.

Farei então um estudo comparativo entre a pintura e o poema, analisando *Zone* em busca de seus aspectos cubistas.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Utilizei como referencial teórico as seguintes obras: o livro de Karina Chianca que apresenta uma análise biográfica de Apollinaire, na qual me baseei para ratificar a relação entre o poeta e Picasso, assim como seu ativismo nas vanguardas. Sua leitura foi fundamental para que eu conhecesse quem foi esse poeta, ajudando-me a entendê-lo; as obras de Silvana Amorim, que apresentam um estudo aprofundado em diversos aspectos que relacionam a obra e a vida de Apollinaire, não só como poeta, mas em suas diversas áreas de atuação. Os trabalhos de Silvana Amorim representaram um importante embasamento teórico, tanto para o resumo da biografia, quanto para a análise do poema *Zone*; por fim, um artigo de Chklovski, “A arte como procedimento”, cuja composição me permitiu uma visão e entendimento do objetivo da arte proposta por Apollinaire, por mais que não se referisse diretamente a ele. Representou, portanto, um valioso alicerce para a explicação dessa arte.

## CONTEXTUALIZAÇÃO

Os séculos XIX e XX foram cenários de acontecimentos históricos marcantes, exemplos disso são a 1ª Revolução Industrial e as duas Grandes Guerras. Foi um momento de crise, já que uma emoção forte e violenta se manifestava em toda a sociedade. A ruptura dos antigos preceitos e emergência de novos conceitos e ideologias ocorreram naquele período.

Na Europa, foi uma época de renovação do meio artístico, surgindo diversos movimentos de vanguarda que se distanciavam do Realismo, escola literária desenvolvida na França em 1857 e que vigorava até então. A tendência de reproduzir cenas artificiais ou naturais tal qual se apresentam realmente era o que ocorria nas artes até então, porém a grotesca destruição promovida pelas guerras trouxe a necessidade de se enxergar de forma diferente a existência humana.

Ao introduzirmos Guillaume Apollinaire (1880-1918) nesse contexto, entendemos que o terreno era fértil para o cultivo e florescimento de suas inovações literárias, posto que a estrutura social daquele tempo era sustentada pelos antigos costumes que não suportavam mais o peso esmagador da realidade.

### APOLLINAIRE: VIDA E OBRA

Wilhelm-Apolinaris de Kostrowitzky, segundo seu nome de batismo, nasceu em Roma no dia 26 de agosto de 1880 como fruto do relacionamento ilegítimo da condessa polaca Angelica de Kostrowitzky e de um militar italiano, sendo registrado pela mãe somente meses após seu nascimento.

Angelica de Kostrowitzky tinha um temperamento difícil, violento, indomável. Aos 21 anos, ela se envolve com um homem mais velho, Francesco Flugi d'Aspermont. Desse modo, ela foge da vida rígida de um casamento por conveniência para partir numa aventura, decisão escandalosa para a sociedade da época. Esse pai nunca se casará com Angelica. Após esse envolvimento, eles levam uma vida instável, se entregando ao jogo.<sup>1</sup> (CHIANCA, 2013, p.25, tradução nossa)

Apollinaire vive até os sete anos em Roma, mas, devido à instabilidade de sua mãe, passa os próximos anos de sua vida viajando pelas cidades europeias de Mônaco, Stavelot, Lyon, Aix-les-Bains e Paris. Ele assume o pseudônimo Guillaume Apollinaire em 1897, sendo que anteriormente havia adotado diversas outras identidades como Guglielmo Alberto Dulcigny, Guillaume Albert Vladimir Alexandre Apollinaire de Kostrowitzky e Wilhelm. Este último foi o nome pelo qual sua mãe persistiu em chamá-lo mesmo após a adoção de seu



pseudônimo (AMORIM, 2003). Nesse mesmo ano, ele abandona os estudos e, em Mônaco, frequenta várias bibliotecas, lê muito, principalmente poesia moderna. Neste período tenta traduzir Boccaccio.

Passa os meses de julho a outubro de 1900 em Stavelot onde sofre suas primeiras decepções amorosas. Ainda nesse ano, ele volta à Paris com seu irmão Albert e frequenta a Bibliothèque Mazarin, onde estuda literatura medieval. No ano seguinte, ele viaja à Alemanha onde trabalha como preceptor oferecendo aulas de francês para superar um período de miséria. Lá conhece a jovem inglesa Annie Playden, outra preceptora da casa onde trabalha, nutrindo por ela um sentimento não correspondido que dará origem a poemas como *La chanson du Mal-Aimé* (A canção do mal amado). “Como as outras mulheres, Annie o rejeitou. Ele a atrai por esse amor lírico, mas a assusta ao mesmo tempo por sua violenta possessão e ciúme.”<sup>ii</sup> (CHIANCA, 2013, p.41, tradução nossa).

Em 1902, Apollinaire viaja pela Alemanha e pela Europa Central, experiência que vai inspirar inúmeras emoções traduzidas em seus contos, crônicas e poemas. Um ano depois vai à Londres atrás de Annie, mas ela parte definitivamente para os Estados Unidos.

No ano de 1904, de volta à Paris, ele escreve alguns dos poemas que estarão em *Alcools*, e é nesse ano que conhece Picasso, Max Jacob, Derain, Henri Rousseau e vários outros artistas, sendo que a sua convivência com eles, assim como sua inserção na vida boêmia e artística parisiense, contribuirão para o desenvolvimento de sua revolução artística.

Essa revolução das artes vivenciada no início do século se concretizou em Paris, cidade escolhida pelos poetas e pintores como a capital mundial das artes. Nem todos esses artistas são franceses, mas eles escolhem a França e Paris para desenvolver suas pesquisas sobre a arte.<sup>iii</sup> (CHIANCA, 2013, p.106, tradução nossa)

Por intermédio de Picasso, em 1907, Apollinaire encontra Marie Laurencin com quem terá um conturbado relacionamento que durará até 1912, servindo de inspiração para vários de seus poemas, como *Marie* e *Le pont Mirabeau* (A ponte Mirabeau). “As duas mulheres que mais marcaram a vida de Guillaume Apollinaire e inspiraram *Alcools* [...] foram Annie Playden et Marie Laurencin”<sup>iv</sup> (CHIANCA, 2013, p. 40, tradução nossa). No quadro abaixo Henri Rousseau retrata Apollinaire e Marie:



ROUSSEAU, H. **La muse inspirant le poète**. 1909. 1 pintura.

Ainda em 1907, ao se deparar com o quadro de Picasso, *Les demoiselles d'Avignon*, Apollinaire se inspira a escrever o poema que introduz *Alcools*, *Zone* (AMORIM, 2003). Encantado com a pintura de Picasso, ele escreve em seu diário: "Admirável linguagem que nenhuma literatura pode indicar, pois nossas palavras são feitas antecipadamente. Pobre de mim!" (apud Burgos et al., 1998, p.134).

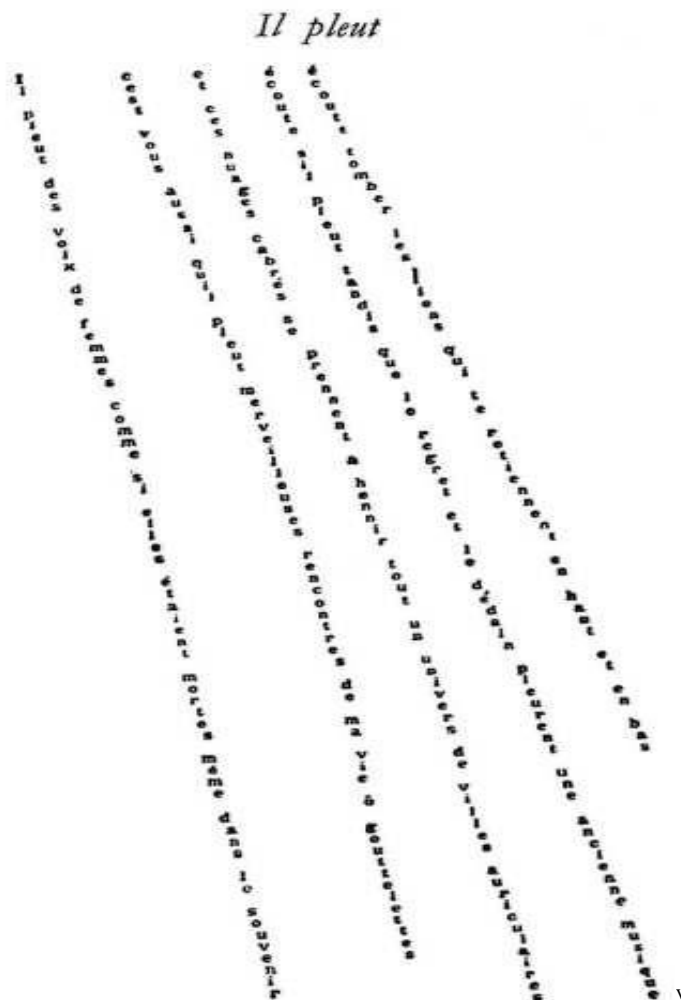
Durante esse ano, publica poemas em diversos periódicos, ainda utilizando sinais de pontuação, norma da linguagem padrão que abandona posteriormente. Realiza conferências, escreve sobre Matisse, sobre seus amigos poetas e também para catálogos de exposições. No ano de 1910, traduz textos de autores de literatura erótica, como Aretino, Baffo e Mirabeau, escrevendo introdução, notas e ensaios bibliográficos (AMORIM, 2003).

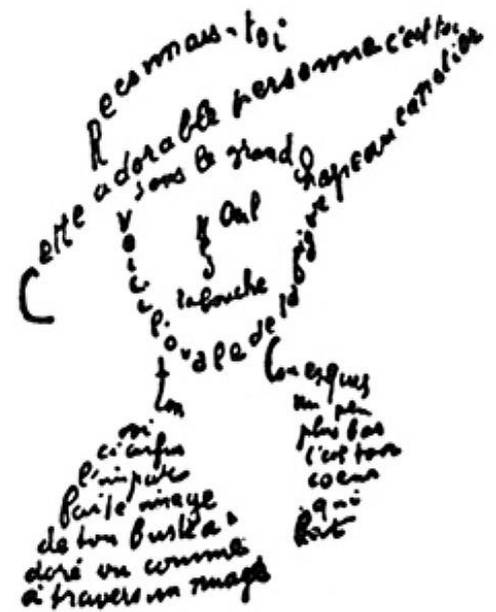
É nesse período que começa a ser difundida no meio artístico a palavra cubismo, movimento que desperta o interesse do poeta, levando-o a escrever futuramente manifestos e poemas cubistas. No ano seguinte, publica *Le Bestiaire ou Cortège d'Orphée* (O Bestiário ou Cortejo de Orfeu), consistindo na primeira obra poética importante de Apollinaire. Seu projeto inicial foi esboçado em 1906, no ateliê de Picasso, que criava, na ocasião, algumas gravuras de animais em madeira. Essa publicação foi ilustrada por Raoul Dufy, representando a primeira tentativa do poeta em conjugar imagem e texto (AMORIM, 2003).

Ainda em 1911, ocorre o roubo da *Mona Lisa* do qual ele é injustamente incriminado, ficando por isso encarcerado durante seis dias. Este episódio inspirou um conjunto de poemas denominado de *A la Santé*, sendo esse o nome da prisão em que ficou retido. Por causa do ocorrido, Apollinaire sofre uma campanha antissemita e teme ser deportado da França, mesmo com o protesto de seus amigos.

Poucos meses depois, começa a publicar alguns poemas sem pontuação na revista recém-fundada *Les Soirées de Paris* (As noites de Paris), poemas que mais tarde comporão, juntamente com outros escritos anteriormente, a coletânea *Eau-de-vie* (Aguardente), posteriormente renomeada de *Alcools*.

Em 1914, são publicados seus primeiros *Caligrammes*, os “ideogramas líricos”, que, embora não consistam na obra pioneira no campo da poesia concreta, significaram a maior aproximação entre poesia e arte plástica alcançada pelo poeta, com os versos dispostos para formar imagens, o que foi uma grande inovação de Apollinaire. A seguir temos dois exemplos dos caligramas escritos por Apollinaire:





No mesmo ano, Apollinaire se alista no exército francês e é incorporado ao regimento de artilharia de Nîmes, sendo que sua naturalização só ocorre em 1916. Em 17 de março desse ano, ele é ferido gravemente na cabeça e passa por um processo longo e árduo de recuperação.

Em 1917, o poeta emprega o termo *Surréalisme* pela primeira vez, embora sua própria arte não tenha sido considerada posteriormente como surrealista conforme as características desse movimento artístico, que se consolidou com o Manifesto Surrealista escrito pelo poeta e psiquiatra francês André Breton, em 1924.

Ainda no ano de 1917, a peça de Apollinaire *Les mamelles de Tirésias* (As tetas de Tirésias) é encenada e, em 26 de novembro, ele profere a conferência *L'esprit nouveau et les poètes* (O espírito novo e os poetas), no Vieux Colombier, na qual discursa sobre esse espírito novo proclamado pelas artes vanguardistas.

Em março do ano seguinte, reúne seus caligramas e os publica na revista *Mercure de France* (Mercúrio da França). Trabalha nesse ano como jornalista em diversas revistas e se casa com Jacqueline Kolb, para quem dedica o poema *La Jolie Rousse* (A Bela Ruiva). Em novembro, ele é atingido pela gripe espanhola e, já fragilizado pelo ferimento sofrido na guerra, vem a óbito.

A partir do estudo do caminho trilhado pelo poeta durante sua vida, é possível tentarmos entendê-lo como pessoa e consequentemente como artista.

## ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE *ZONE* E *LES DEMOISELLES D'AVIGNON*

Adentraremos, então, no universo lírico de Apollinaire. Durante o tempo em que residiu em Paris, período anterior e após seu serviço no exército, Apollinaire frequentou o bairro artístico de Montmartre, polo dos ativistas culturais da época.

Nesse período, Guillaume Apollinaire se estabeleceu com um grupo de amigos que empreenderam pesquisas estéticas. [...] Montmartre se tornou o local de discussões apaixonadas sobre a procura de uma nova arte. De Montmartre, esse grupo se realocou em Montparnasse.<sup>viii</sup> (CHIANCA, 2013, p.76, tradução minha)

É a partir do desenvolvimento dessas pesquisas e da troca de ideias entre esses artistas que surge o movimento cubista: “Poetas e pintores unem-se em prol de uma renovação artística, trocam informações e sensações, apropriam-se e assimilam técnicas uns dos outros” (AMORIM, 2010, p.3).

O cubismo tem seu início atribuído ao ano de 1907, quando Picasso terminou seu famoso quadro *Les Femmes d'Alger (O Grande Bordel)*. O cubismo foi considerado um dos movimentos artísticos mais influentes dentre diversas vanguardas que existiam na Europa do século XX.



PICASSO, P. *Les Femmes d'Alger (O Grande Bordel)*. 1907. 1 pintura.

Nesta pintura são retratadas cinco figuras femininas nuas e uma natureza morta, tendo como cenário um bordel da Rua de Avignon, em um bairro mal afamado de Barcelona. As

formas reais, naturalmente arredondadas, foram substituídas por contornos geométricos trabalhados.

Como exposto na arte de Picasso, o propósito do cubismo era promover a decomposição, fragmentação e geometrização das formas. Os cubistas produziam a simultaneidade de visualizações do objeto representado, dessa forma ele poderia ser visto sob diversos ângulos, ainda assim podendo ser inteiramente identificado.

Essa simultaneidade é clara ao repararmos na figura sentada à direita, mulher cujo rosto se encontra voltado ao observador ao mesmo tempo em que seu busto está para trás, podendo ser vista então de dois ângulos distintos. Outro aspecto a ser destacado é o rosto das duas mulheres à direita assim como o da mulher à extrema esquerda, todos trazendo máscaras tribais, que remetem à cultura africana.

A valorização da arte tribal africana é outra característica do movimento artístico em questão. Em 1905, Pablo Picasso visitou uma exposição de Arte Africana, no Museu do Homem de Paris e as máscaras contempladas teriam impressionado o pintor pela simplificação das formas retratadas, particularidade essa que já era presente no cubismo enquanto ainda estava em desenvolvimento.

Na obra cubista de Picasso, essa simplificação se encontra, por exemplo, na boca das damas retratadas, resumidas a um simples traço, sem o desenho dos lábios e outros detalhes.

*Les Femmes d'Alger (O Grande Baie)* foi não só uma obra inovadora como extremamente chocante. Causou estranhamento e aversão à sociedade da época, posto que demonstrou uma visão provocante e até grotesca da realidade. São essas reações que o movimento vanguardista buscava, pois seu objetivo era justamente romper com padrões antiquados e, para uma ruptura efetiva, era necessária certa agressividade.

A arte expressa na obra não se resume a uma simples imitação da realidade nem busca o mero entretenimento. Nesse contexto “a obra de arte não é mais uma reprodução mas a criação de uma nova verdade, do objeto poético”.<sup>ix</sup> (CHIANCA, 2013, p.80, tradução minha).

Esse novo estilo artístico dialoga com o conceito proposto por Viktor Chklovski em seu texto “A arte como procedimento”. Chklovski afirma que

O objetivo da arte é dar a sensação do objeto como visão e não como reconhecimento; o procedimento da arte é o procedimento da singularização dos objetos e o procedimento que consiste em obscurecer a forma, aumentar a dificuldade e a duração da percepção. (1917, p.45)

Dessa forma, a arte teria como finalidade promover uma nova visão do objeto representado, o que se assemelha com o que foi realizado pelo cubismo. A noção de arte como cópia pura da realidade foi abandonada juntamente com o Realismo.

Os cubistas buscavam, por meio de uma diferente interpretação da realidade, oferecer ao espectador uma percepção mais duradoura, já que ao contemplar a obra ele não apreenderia de imediato todos os seus sentidos, exigindo um maior esforço para compreensão. Nas palavras de Chklovski

Examinando a língua poética tanto nas suas constituintes fonéticas e léxicas como na disposição das palavras e nas construções semânticas constituídas por estas palavras, percebemos que o caráter estético se revela sempre pelos mesmos signos: é criado conscientemente para libertar a percepção do automatismo; sua visão representa o objetivo do criador e ela é construída artificialmente de maneira que a percepção se detenha nela e chegue ao máximo de sua força e duração. (1917, p.54)

Tais características se materializam na obra de Apollinaire. Transpondo os elementos cubistas detectados no quadro de Picasso para o poema de Apollinaire, observamos que o poeta utiliza recursos linguísticos para criar uma duração mais longa da percepção de sua lírica. A linguagem poética, diferentemente da linguagem prosaica, tem como característica a fuga ao automatismo. O poeta, ao manejar objetos cotidianos, transforma-os para que sejam vistos de forma singular.

Apollinaire e Picasso partilhavam ideias e concepções acerca desta nova arte, e por isso podemos relacionar o quadro de Picasso ao poema *Zone*, observando em ambos a arte descrita por Chklovski, assim como suas raízes cubistas.

Os traços cubistas e suas similaridades com o quadro aparecem nesse poema desde a escolha do título até seu último verso. Existe inclusive a suposição de que teria Apollinaire se inspirado nesta obra específica de Picasso para escrever *Zone*. Em um verso do poema consta “O sangue de vosso Coração Sacro me inundou em Montmartre.”<sup>x</sup> (1920, p.10), podendo ser uma referência à ocasião na qual o poeta se deparou com o quadro no ateliê de Picasso em Montmartre.

A escolha de *Zone* como poema inicial da sua coletânea foi uma decisão tomada tardiamente por Apollinaire, e por isso se mostra tão significativa. Assim como essa escolha, há menos de um ano de sua primeira publicação, o poeta decide suprimir completamente de sua obra a pontuação.

Ao que se refere à pontuação, eu apenas a suprimi por ter me parecido inútil e que, de fato, o ritmo mesmo e o corte de versos é a verdadeira pontuação e não há necessidade de outra. [...] Geralmente, componho andando e cantando duas ou três árias que me vieram naturalmente e que um de meus amigos notou. A pontuação

atual não se aplicaria a tais canções.<sup>xi</sup> (DÉCAUDIN, 1956, p.40 *apud* CHIANCA, 2013, p.97, tradução minha).

A supressão da pontuação dispõe o poema em versos livres, que se tornaram marca do poeta, garantindo também o caráter cubista por tornar suas fragmentações ainda mais abruptas. Não há ponto ou vírgula que separe as cenas do poema, em um momento estamos em Paris no outro em Moscou, sem que paremos para ‘respirar’. A título de exemplo tomemos o trecho abaixo:

Le ciel s’emplit alors de millions d’hirondelles  
A tire-d’aile viennent les corbeaux les faucons les hiboux  
D’Afrique arrivent les ibis les flamants les marabouts  
L’oiseau Roc célébré par les conteurs et les poètes  
Plane tenant dans les serres le crâne d’Adam la première tête  
L’aigle fond de l’horizon en poussant un grand cri  
Et d’Amerique vient le petit colibri  
De Chine sont venus les pihis longs et souples<sup>xii</sup>  
(APOLLINAIRE, 1920, p.9)

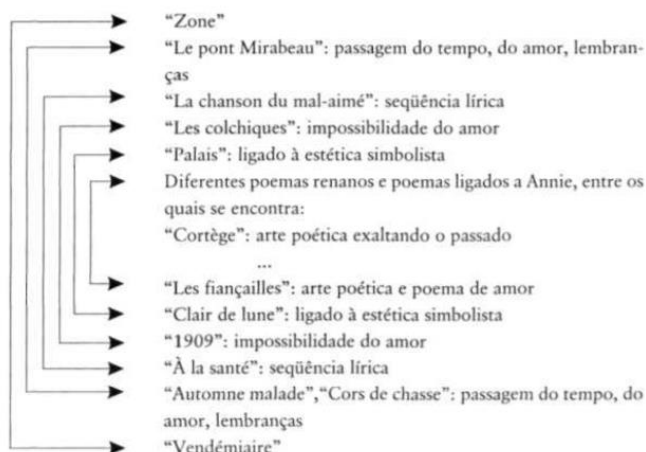
Nesta estrofe, temos a montagem de uma cena a partir de ‘fragmentos’ vindos de três diferentes continentes, sendo um deles a África. A cultura africana é mais uma intersecção entre as obras de Picasso e Apollinaire, sendo valorizada por ambos. “Ele [Apollinaire] gosta de estar cercado de livros e esculturas da arte negra, que nós encontramos em *Zone*.”<sup>xiii</sup> (CHIANCA, 2013, p.36, tradução minha).

Ao falarmos em arte africana, voltamos ao aspecto cubista da simplificação, que estaria no poema, justamente na ausência de pontuação. Assim como Picasso não precisou delinear os lábios de suas damas para que reconhecêssemos a boca, Apollinaire não viu necessidade em vírgulas e pontos para que reconhecêssemos o ritmo.

Além disso, o título do poema, *Zone*, é monossilábico em francês e soa abrupto e seco tal qual seriam seus versos, sem o costumeiro floreamento da poesia, mais uma simplificação. Remete-se ao espaço compreendido entre os muros de uma cidade e do subúrbio, local caracterizado pela miséria. Espaço esse que poderia se tratar da Rua de Avignon.

*Zone* ainda deriva do grego que significa círculo, o que remete ao caráter circular da coletânea de Apollinaire, já que os poemas não são organizados segundo uma sequência cronológica. Morhange-Bégué e Lartigue (1991, p.37) demonstram a organização de acordo com a esquematização abaixo, ligando poemas da coletânea que possuem similaridades e são dispostos da seguinte forma:





Assim, a coletânea teria suas pontas atadas, ou o círculo conectado, por *Zone* e *Vendémiaire* (Vindemiário), ainda mais longo, com 174 versos, sendo o primeiro a ser escrito sem pontuação por Apollinaire e o último da coletânea.

Esse aspecto circular, apesar de à primeira vista distar da estética cubista de retas e vértices, representa apenas uma analogia à forma como é organizado *Alcools*, podendo ser considerado uma particularidade da obra, e não do cubismo.

Posterior ao título, temos o primeiro verso do poema «A la fin tu es las de ce monde ancien»<sup>xiv</sup> (APOLLINAIRE, 1920, p.7) no qual se introduz uma espécie de manifesto ao afirmar um cansaço em relação às velhas tradições, podendo ser interpretado como uma confirmação da necessidade de se renovar os conceitos que se encontram desgastados pelo tempo e esgotados de sentido.

A desconstrução e simultaneidade são constantes no poema. Esta é outra característica que aproxima o poema do quadro de Picasso e justifica ser reconhecido como literatura cubista. Encontramos exemplo disto no seguinte fragmento:

Te voici à Marseille au milieu des pastèques  
 Te voici à Coblença à l'hôtel du Géant  
 Te voici à Rome assis sous un néflier du Japon  
 Te voici à Amsterdam avec une jeune fille que tu trouves belle et  
 qui est laide  
 ...  
 Tu as fait de douloureux et de joyeux voyages<sup>xv</sup>  
 (APOLLINAIRE, 1920, p.11-2)

Nesse caso, é feita uma verdadeira viagem e a cada verso visitamos uma cidade diferente. “Na verdade, todos os espaços que aparecem nomeados em ‘Zone’ nada mais são

do que a tradução de um cenário simultâneo de um único evento exterior e interior” (AMORIM, 2010, p. 14).

A fragmentação no poema atinge seu ápice com o último verso, « Soleil cou coupé »<sup>xvi</sup> (APOLLINAIRE, 1920, p. 14), no qual é feita uma comparação em que o sol seria uma cabeça separada do corpo, um ‘pedaço’ ou fragmento de algo maior.

Concluindo, além dos detalhes em comum, a principal característica compartilhada tanto pelo poema quanto pela pintura é a proclamação da revolução do meio artístico, aspecto que transpõe a obra de ambos e é partilhada por eles não só na arte como em sua vida.

A cumplicidade entre Pablo Picasso e o poeta é reforçada pelo interesse que ambos possuem na arte. Para eles, a realidade e o sonho são colocados em paralelo e não há separação entre a arte e a vida.<sup>xvii</sup> (CHIANCA, 2013, p.78, tradução minha)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todo o exposto, depreende-se que, a partir de um contexto histórico favorável, Apollinaire desempenhou um importante papel no desenvolvimento e concretização do cubismo, trazendo para a literatura características que são muito mais facilmente perceptíveis nas artes plásticas. Tendo vivido grande parte da vida em Paris, bebeu da fonte das inovações artísticas que eclodiam no final do século XIX e início do XX, enriquecendo ainda mais o ambiente já tão fervoroso. Tanto sua vida quanto sua obra, e mais especificamente o poema *Zone*, demonstram o quão revolucionário era e fizeram com que se tornasse um marco na poesia francesa.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- AMORIM, S.V.S.; *Guillaume Apollinaire: fábula e lírica*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- \_\_\_\_\_. *O papel de Guillaume Apollinaire nas vanguardas europeias*. In: Congresso Nacional Associação Portuguesa de Literatura Comparada/ Colóquio de Outono Comemorativo das Vanguardas, 6/10, 2009/2010. Araraquara. *Anais...* Araraquara: Editora UNESP, 2010.
- APOLLINAIRE, G.(1913); *Alcools*. Paris, Gallimard, 1920.
- BURGOS, J., DEBON, C., DÉCAUDIN. M. *Apollinaire, en somme*. Paris: Honoré Champion, 1998. (Littérature de Notre Siècle, 7)
- CHIANCA, K. *Guillaume Apollinaire: un renouvellement artistique*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013
- CHKLOVSKI, V. *A arte como procedimento*. In: TOLEDO, Dionísio de (org.). *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1973.
- DECAUDIN, M. *Le Dossier d’Alcools*. Genève-Droz, Paris-Minard, 1956.

MORHANGE-BÉGUÉ, C, LARTIGUE, P. Alcools (1913), Apollinaire. Paris: Hatier, 1991. (Profil d'une Oeuvre, 25).

Valéria Peixoto de Alencar, Influência afro: A Arte Africana e o Cubismo. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/artes/influencia-afro-a-arte-africana-e-o-cubismo.htm>> Acesso em 31 de julho de 2015.

## ANEXO A - Zone

À la fin tu es las de ce monde ancien

Bergère ô tour Eiffel le troupeau des ponts bêle ce matin

Tu en as assez de vivre dans l'antiquité grecque et romaine

Ici même les automobiles ont l'air d'être anciennes  
La religion seule est restée toute neuve la religion  
Est restée simple comme les hangars de Port-Aviation

Seul en Europe tu n'es pas antique ô Christianisme  
L'Européen le plus moderne c'est vous Pape Pie X  
Et toi que les fenêtres observent la honte te retient  
D'entrer dans une église et de t'y confesser ce matin  
Tu lis les prospectus les catalogues les affiches qui chantent tout haut  
Voilà la poésie ce matin et pour la prose il y a les journaux  
Il y a les livraisons à 25 centimes pleines d'aventures policières  
Portraits des grands hommes et mille titres divers

J'ai vu ce matin une jolie rue dont j'ai oublié le nom  
Neuve et propre du soleil elle était le clairon  
Les directeurs les ouvriers et les belles sténodactylographes  
Du lundi matin au samedi soir quatre fois par jour y passent  
Le matin par trois fois la sirène y gémit  
Une cloche rageuse y aboie vers midi  
Les inscriptions des enseignes et des murailles  
Les plaques les avis à la façon des perroquets criaillent  
J'aime la grâce de cette rue industrielle  
Située à Paris entre la rue Aumont-Thiéville et l'avenue des Ternes

Voilà la jeune rue et tu n'es encore qu'un petit enfant  
Ta mère ne t'habille que de bleu et de blanc  
Tu es très pieux et avec le plus ancien de tes camarades René Dalize  
Vous n'aimez rien tant que les pompes de l'Église  
Il est neuf heures le gaz est baissé tout bleu vous sortez du dortoir en cachette  
Vous priez toute la nuit dans la chapelle du collège  
Tandis qu'éternelle et adorable profondeur améthyste  
Tourne à jamais la flamboyante gloire du Christ  
C'est le beau lys que tous nous cultivons  
C'est la torche aux cheveux roux que n'éteint pas le vent  
C'est le fils pâle et vermeil de la douloureuse mère  
C'est l'arbre toujours touffu de toutes les prières  
C'est la double potence de l'honneur et de l'éternité  
C'est l'étoile à six branches  
C'est Dieu qui meurt le vendredi et ressuscite le dimanche  
C'est le Christ qui monte au ciel mieux que les aviateurs  
Il détient le record du monde pour la hauteur

Pupille Christ de l'oeil  
Vingtième pupille des siècles il sait y faire  
Et changé en oiseau ce siècle comme Jésus monte dans l'air  
Les diables dans les abîmes lèvent la tête pour le regarder  
Ils disent qu'il imite Simon Mage en Judée  
Ils crient s'il sait voler qu'on l'appelle voleur

Les anges voltigent autour du joli voltigeur  
Icare Énoch Élie Apollonius de Thyane  
Flottent autour du premier aéroplane  
Ils s'écartent parfois pour laisser passer ceux qui portent la Sainte-Eucharistie  
Ces prêtres qui montent éternellement en élevant l'hostie  
L'avion se pose enfin sans refermer les ailes  
Le ciel s'emplit alors de millions d'hirondelles  
À tire d'aile viennent les corbeaux les faucons les hiboux  
D'Afrique arrivent les ibis les flamands les marabouts  
L'oiseau Roc célébré par les conteurs et les poètes  
Plane tenant dans les serres le crâne d'Adam la première tête  
L'aigle fond de l'horizon en poussant un grand cri  
Et d'Amérique vient le petit colibri  
De Chine sont venus les pihis longs et souples  
Qui n'ont qu'une seule aile et qui volent par couples  
Puis voici la colombe esprit immaculé  
Qu'escortent l'oiseau-lyre et le paon ocellé  
Le phénix ce bûcher qui soi-même s'engendre  
Un instant voile tout de son ardente cendre  
Les sirènes laissant les périlleux détroits  
Arrivent en chantant bellement toutes trois  
Et tous aigle phénix et pihis de la Chine  
Fraternisent avec la volante machine

Maintenant tu marches dans Paris tout seul parmi la foule  
Des troupeaux d'autobus mugissants près de toi roulent  
L'angoisse de l'amour te serre le gosier  
Comme si tu ne devais jamais plus être aimé  
Si tu vivais dans l'ancien temps tu entrerais dans un monastère  
Vous avez honte quand vous vous surprenez à dire une prière  
Tu te moques de toi et comme le feu de l'Enfer ton rire pétille  
Les étincelles de ton rire dorent le fond de ta vie  
C'est un tableau pendu dans un sombre musée  
Et quelquefois tu vas la regarder de près

Aujourd'hui tu marches dans Paris les femmes sont ensanglantées  
C'était et je voudrais ne pas m'en souvenir c'était au déclin de la beauté

Entourée de flammes ferventes Notre-Dame m'a regardé à Chartres  
Le sang de votre Sacré-Coeur m'a inondé à Montmartre  
Je suis malade d'ouïr les paroles bienheureuses  
L'amour dont je souffre est une maladie honteuse  
Et l'image qui te possède te fait survivre dans l'insomnie et dans l'angoisse  
C'est toujours près de toi cette image qui passe

Maintenant tu es au bord de la Méditerranée  
Sous les citronniers qui sont en fleur toute l'année  
Avec tes amis tu te promènes en barque  
L'un est Nissard il y a un Mentonasque et deux Turbiasques  
Nous regardons avec effroi les poulpes des profondeurs  
Et parmi les algues nagent les poissons images du Sauveur

Tu es dans le jardin d'une auberge aux environs de Prague  
Tu te sens tout heureux une rose est sur la table  
Et tu observes au lieu d'écrire ton conte en prose

La cétoine qui dort dans le coeur de la rose  
Épouvanté tu te vois dessiné dans les agates de Saint-Vit  
Tu étais triste à mourir le jour où tu t'y vis  
Tu ressembles au Lazare affolé par le jour  
Les aiguilles de l'horloge du quartier juif vont à rebours  
Et tu recules aussi dans ta vie lentement  
En montant au Hradchin et le soir en écoutant  
Dans les tavernes chanter des chansons tchèques

Te voici à Marseille au milieu des pastèques

Te voici à Coblenz à l'hôtel du Géant

Te voici à Rome assis sous un néflier du Japon

Te voici à Amsterdam avec une jeune fille que tu trouves belle et qui est laide  
Elle doit se marier avec un étudiant de Leyde  
On y loue des chambres en latin Cubicula locanda  
Je me souviens j'y ai passé trois jours et autant à Gouda

Tu es à Paris chez le juge d'instruction  
Comme un criminel on te met en état d'arrestation

Tu as fait de douloureux et de joyeux voyages  
Avant de t'apercevoir du mensonge et de l'âge  
Tu as souffert de l'amour à vingt et à trente ans  
J'ai vécu comme un fou et j'ai perdu mon temps

Tu n'oses plus regarder tes mains et à tous moments je voudrais sangloter  
Sur toi sur celle que j'aime sur tout ce qui t'a épouvanté

Tu regardes les yeux pleins de larmes ces pauvres émigrants  
Ils croient en Dieu ils prient les femmes allaitent les enfants  
Ils emplissent de leur odeur le hall de la gare Saint-Lazare  
Ils ont foi dans leur étoile comme les rois-mages  
Ils espèrent gagner de l'argent dans l'Argentine  
Et revenir dans leur pays après avoir fait fortune  
Une famille transporte un édredon rouge comme vous transportez votre coeur  
Cet édredon et nos rêves sont aussi irréels  
Quelques-uns de ces émigrants restent ici et se logent  
Rue des Rosiers ou rue des Écouffes dans des bouges  
Je les ai vu souvent le soir ils prennent l'air dans la rue  
Et se déplacent rarement comme les pièces aux échecs  
Il y a surtout des juifs leurs femmes portent perruque  
Elles restent assises exsangues au fond des boutiques

Tu es debout devant le zinc d'un bar crapuleux  
Tu prends un café à deux sous parmi les malheureux

Tu es la nuit dans un grand restaurant

Ces femmes ne sont pas méchantes elles ont des soucis cependant  
Toutes même la plus laide a fait souffrir son amant

Elle est la fille d'un sergent de ville de Jersey

Ses mains que je n'avais pas vues sont dures et gercées  
J'ai une pitié immense pour les coutures de son ventre  
J'humilie maintenant à une pauvre fille au rire horrible ma bouche

Tu es seul le matin va venir  
Les laitiers font tinter leurs bidons dans les rues

La nuit s'éloigne ainsi qu'une belle Métive  
C'est Ferdine la fausse ou Léa l'attentive

Et tu bois cet alcool brûlant comme ta vie  
Ta vie que tu bois comme une eau-de-vie

Tu marches vers Auteuil tu veux aller chez toi à pied  
Dormir parmi tes fétiches d'Océanie et de Guinée  
Ils sont des Christ d'une autre forme et d'une autre croyance  
Ce sont les Christ inférieurs des obscures espérances

Adieu Adieu

Soleil cou coupé

#### **ANEXO B – Zona**

Te cansaste afinal desta vida anciã

Pastora ó torre Eiffel teu rebanho de pontos bale esta manhã

Já viveste demais na Antiguidade dos gregos e romanos

Aqui até os automóveis tem um ar de muitos anos  
Só a religião permaneceu nova a religião  
Permaneceu simples como os hangares do campo de aviação

Antigo na Europa ó Cristianismo só tu não és  
O europeu mais moderno sois vós ó Pio Dez  
E tu que as janelas espreitam a vergonha te escora  
De entrar numa igreja e confessar-te agora  
Lês prospectos catálogos cartazes cantando alto seus versos  
Eis a poesia da manhã e para a prosa há os jornais  
Os folhetins baratos cheio de aventuras policiais

Retratos de figurões e mil fatos diversos

A rua cujo nome esqueço e donde vim  
Esta manhã nova e limpa de sol era um clarim  
Operários patrões estenógrafas belas  
De segunda a sexta passam quatro vezes por ela  
Toda manhã por três vezes a sirene branda  
Um sino raivoso ao meio-dia ladra  
As inscrições das tabuletas e dos outros muros

As placas os avisos parecem araras em apuros  
Amo a graça desta rua industrial, no cerne  
De Paris entre a Aumout-Thièville e a Avenue de Ternes

Esta é a rua da infância e não passas de um pivete  
Tua mãe só de azul e branco é que te veste  
És carola e com teu colega mais antigo, ou seja,  
René Dalize, amas acima de tudo as pompas da Igreja  
São nove horas baixaram o gás azul saís do dormitório às furtadelas  
Vocês rezam a noite interna na capela do colégio  
Enquanto eterna e adorável profundeza ametista  
Gira sem fim a flamejante glória de Cristo  
É o belo lírio que cada um de nós carrega  
É a tocha de cabelos ruivos que o vento não encerra  
É o filho da dolorosa mãe pálido e rubente  
É a árvore sempre densa de orações constantes  
É a duplo esteio de honra e eternidade  
É a estrela de seis pontas  
É Deus que morre na sexta e domingo ressuscita  
É Cristo que sobe onde aviador nenhum se aventura  
Ele é o recordista do mundo em altura

Menina Cristo dos olhos  
Vigésima pupila dos séculos disso ele entende  
E mudado em pássaro este século como Jesus ascende  
Os diabos em seus abismos levantam os olhos para vê-los  
Dizem que ele imita Simão o Mago da Judéia  
Gritam que se sabe decolar o que seja degolado  
O belo volteador pelos anjos é volteado  
Ícaro Enoque Elias Apolônio de Tiana  
Flutuam em torno do primeiro aeroplano  
Afastam-se às vezes para deixar passar aqueles que a Santa Eucaristia transporta  
Esses padres que sobem eternamente elevando a hóstia  
Finalmente o avião pousa sem fechar as asas  
E então as andorinhas enchem os céus aos milhões  
Num piscar de olhos vêm os corvos os mochos os falcões  
Da África chegam os íbis os flamingos os marabus  
O pássaro Roca celebrado em verso e prosa passa  
Levantando nas garras o crânio de Adão a primeira cabeça  
A águia mergulha do horizonte largando um fundo grito  
E da América vem o pequeno colibri  
Da China vieram os longos e macios piís  
Que têm uma só asa e voam em pares  
E eis então a pomba do espírito imaculado  
Escortada pelo pássaro-lira e o pavão ocelado  
A Fênix que se engendra no fogo que a debela  
Entre cinzas ardentes num sopra tudo vela  
Três sereias que fogem de estreitos perigosos  
E ressurgem entoando seus cantos prazerosos  
Com a máquina voadora se estreitam por sua vez  
A águia e a fênix e o pihis chinês

Zanza agora em Paris sozinho entre a gente  
A seu redor ônibus rodam em rebanho mugente  
Os desgostos do amor quase deixam sem ar



Como se nunca mais lhe fosse dado amar  
Vivesse noutros tempos teria ingressado num mosteiro  
Fica sem jeito ao se pegar rezando qual cordeiro  
Troça a si e soa a fogo do Inferno seu riso-estalido  
Doura o fundo de sua vida esse faiscar de brasido  
É um quadro pendurado num museu sombrio  
Que às vezes você fica olhando horas a fio

Hoje anda por Paris as mulheres então vermelho-sangue  
Era isso e eu queria esquecer que a beleza ia ficando exangue

Entre chamas ardentes Notre-Dame contemplou-me em Chartres  
Sangue de vosso Sacré-Couer inundou-me em Montmartre  
De ouvir o verbo bem-aventurado eu tornei-me céreo  
O amor que me atormenta é um mal venéreo  
A imagem que o invade o faz sobreviver insone e em agonia  
Está sempre por perto a imagem fugidia

Você respira agora ares mediterrâneos  
Sob o florir perene dos limoeiros litorâneos  
Com os companheiros sai de barco a passeio  
Dois da Turbie um de Menton de Nice o terceiro  
Espreitamos os polvos do fundo com pavor  
E entre as algas nadam peixes símbolos do Salvador  
Tu estás no jardim de um albergue na região de Praga  
Tu te sentes feliz há uma rosa sobre a mesa  
E observas em vez de escrever teu conto em prosa  
A cetônia a dormir no coração da rosa

Espantada te vês desenhada nas ágatas de Saint-Vit  
Morrias de tristeza quando ali te viste  
Pareces-te com Lázaro pela luz do aturdido  
Os ponteiros do relógio do bairro judeu vão contra o sentido  
E tu recuas também na vida devagar  
Ao subir ao Hradchin e à noite ao escutar  
Nas tavernas cantarem tchecas melodias

Eis que estás em Marselha em meio a melancias

Eis que estás em Coblença no hotel do Gigante

Eis que estás em Roma sentado sob uma nespeira do Japão

Eis que estás em Amsterdã com uma mocinha a quem achas bonita e que é feia  
Ela deve casar-se com um estudante de Leyde  
Lá se alugam quartos em latim Cubicula locanda  
Eu me lembro passei três dias lá e outros tantos em Gouda

Tu estás em Paris junto ao juiz de instrução  
Como a um criminoso te põem em estado de prisão

Tu fizeste viagens de dores e prazeres  
Antes de a mentira e a idade perceberes  
Tu sofreste do amor aos vinte e aos trinta anos

Eu vivi como um louco e perdi um tempo insano  
Não ousas mais olhar tuas mãos e a cada instante eu quisera soluçar  
Sobre ti sobre aquela que amo sobre tudo que pôde te espantar

Olhas com olhos cheios de lágrimas esses emigrantes rotos  
Eles crêem em Deus rezam as mulheres aleitam garotos  
Inundam com seu cheiro a estação St Lazare  
Seguem como os Reis Magos sua estrela a um lugar  
Como a Argentina onde farão fortuna e cada qual  
Voltará rico a seu país natal

Uma família leva um edredom como por dentro vós levais  
O coração mas o edredom e nossos sonhos não são reais  
Há imigrantes que alugam qualquer espelunca  
Na rua des Rosiers ou des Ecouffles e não partem nunca  
Vejo-os na rua amiúde quando à tarde tomam ar  
E como peças de xadrez se movem devagar  
São judeus sobretudo cujas pálidas esposas  
Que usam perucas ficam só no fundo de suas lojas

Estás frente ao balcão de um bar imundo e ao lado  
Dos miseráveis bebes um café barato

À noite estás num belo restaurante

As mulheres daqui não sendo más têm não obstante  
Seus problemas e até a mais feia faz sofrer o amante

Seu pai em Jersey de onde vem é um policial

Eu tenho dó das cicatrizes no seu ventre e mal

Havia visto suas duras mãos cheias de calo

Frente à coitada com seu riso atroz me calo

Estás sozinho vem chegando a aurora  
Leitores fazem tinir latas rua afora

A noite feito a mais linda mulata  
Ferdine a falsa ou Léa a afável já se afasta

O álcool que bebes é tua vida e arde igualmente  
Bebes tua vida feito um aguardente  
Caminhas rumo a Auteil vais para a casa a pé  
dormir entre fetiches da Oceania e da Guiné  
que são os Cristos de outras formas dos credos alheios  
os Cristos inferiores de enigmáticos anseios

Adeus Adeus

Sol pescoço sem cabeça

---

**Notas :**

<sup>i</sup> Angelica de Kostrowitzky avait un tempérament difficile, violent, indomptable. À 21 ans, elle se laisse enlever par un homme plus âgé, Francesco Flugi d'Aspermont. C'est ainsi qu'elle fuit la vie rigide d'un mariage de convenance pour partir à l'aventure, décision qui est scandaleuse pour la société de l'époque. Ce père n'épousera jamais Angelica. Après l'enlèvement, ils mènent une vie vagabonde tout en s'adonnant au jeu.

<sup>ii</sup> Comme d'autres femmes, Annie le repousse. Il l'attire par cet amour lyrique mais l'effraye en même temps par sa violente possession et jalousie.

<sup>iii</sup> Cette révolution des arts vécue au début du siècle se concrétise à Paris, ville choisie par les poètes et les peintres comme la capitale mondiale des arts. Tout ces artistes ne sont pas français mais ils choisissent la France et Paris pour développer ces recherches sur l'art.

<sup>iv</sup> Les deux femmes qui ont le plus marqué la vie de Guillaume Apollinaire et inspiré *Alcools* [...] sont Annie Playden et Marie Laurencin.

<sup>v</sup> Chovem vozes de mulheres como se estivessem mortas mesmo na recordação. Chovem também vocês maravilhosos encontros de minha vida ó gotinhas, e estas nuvens empinadas se põem a relinchar todo um universo de cidades minúsculas. Escuta se chove enquanto a mágoa e o desdém choram uma antiga música. Escuta caírem os laços que te retém embaixo e em cima. (Tradução de Sérgio Capparelli. In: Tigres no quintal. Porto Alegre: Kuarup, 1997)

<sup>vi</sup> Reconheça  
essa adorável pessoa é você  
sem o grande chapéu de palha  
olho  
nariz  
boca  
aqui o oval do seu rosto  
seu lindo pescoço  
um pouco  
mais abaixo  
é seu coração  
que bate  
aqui enfim  
a imperfeita imagem  
de seu busto adorado  
visto como  
se através de uma nuvem

<sup>vii</sup> Les éléments de la vie de Guillaume Apollinaire sont inséparable de son oeuvre. Celle-ci peut, jusqu'à un certain point, être lue comme une biographie lyrique.

<sup>viii</sup> À cette période, Guillaume Apollinaire se lie avec un groupe d'amis qui entreprend des recherches esthétiques. [...] Montmartre devient le lieu de discussions passionnées sur la recherche d'un art nouveau. De Montmartre, ce groupe se déplace à Montparnasse.

<sup>ix</sup> L'œuvre d'art n'est plus une reproduction mais la création d'une vérité nouvelle, de l'objet poétique.

<sup>x</sup> Le sang de votre Sacré-Coeur m'a inondé à Montmartre.

<sup>xi</sup> Pour ce qui concerne la ponctuation, je ne l'ai supprimée que parce qu'elle m'a paru inutile et qu'elle l'est en effet, le rythme même et la coupe des vers voilà la véritable ponctuation et il n'en est point besoin d'une autre. [...] Je compose généralement en marchant et en chantant sur deux ou trois airs qui me sont venus naturellement et qu'un de mes amis a notés. La ponctuation courante ne s'appliquerait pas à de telles chansons.

<sup>xii</sup> E então as andorinhas enchem os céus aos milhões  
Num piscar de olhos vêm os corvos os mochos os falcões

---

Da África chegam os íbis os flamingos os marabus  
O pássaro Roca celebrado em verso e prosa passa  
Levantando nas garras o crânio de Adão a primeira cabeça  
A águia mergulha do horizonte largando um fundo grito  
E da América vem o pequeno colibri  
Da China vieram os longos e macios piís  
(Tradução de Ivo Barroso, Marcos Siscar, Josely Vianna Baptista, Mário Laranjeira e Nelson Ascher).

<sup>xiii</sup> Il [Apollinaire] aime être entouré de livres et sculptures d l'art nègre, que nous retrouvons des Zone.

<sup>xiv</sup> Te cansaste afinal desta vida anciã.

<sup>xv</sup> Eis que estás em Marselha em meio a melancias  
Eis que estás em Coblença no hotel do Gigante  
Eis que estás em Roma sentado sob uma nespeira do Japão  
Eis que estás em Amsterdã com uma mocinha a quem achas bonita e que é feia

...

Tu fizeste viagens de dores e prazeres  
(Tradução de Ivo Barroso, Marcos Siscar, Josely Vianna Baptista, Mário Laranjeira e Nelson Ascher)

<sup>xvi</sup> Sol pescoço sem cabeça.

<sup>xvii</sup> La complicité entre Pablo Picasso et le poète est renforcée par l'intérêt que tous deux portent à l'art. Pour eux, la réalité et le rêve sont mis en parallèle et il n'y a pas de séparation entre l'art et la vie.